

Educação/formação através da música: contribuição da Filarmônica 30 de Junho na formação de novos contextos de aprendizagem

Silva, John Wolter Oliveira ¹

Amorim, Ivonete Barreto de ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir e analisar as contribuições da Filarmônica 30 de Junho no processo de formação de novos contextos de aprendizagem através da música. O texto foi um desdobramento da pesquisa de dissertação de mestrado do autor. A pesquisa foi de caráter qualitativo, com pesquisa de campo para realização de entrevistas semiestruturadas. A análise dos relatos ocorreu com base na técnica de análise de conteúdo e foi estruturada em unidades de sentido. Por fim, concluiu-se que pensar em educação/formação através da música é construir o fomento por novos contextos de aprendizagem, com relações dialógicas e implicação de sujeitos conscientes de si.

Palavras-chave: intervenção educativa e social; educação musical; educação não formal.

Education/training through music: contribution of the Filarmônica 30 de Junho in the formation of new learning contexts

ABSTRACT

This article aims to discuss and analyze the contributions of the 30 th June Philharmonic in the process of forming new learning contexts through music. The text was an unfolding of the author's master's thesis research. The research was qualitative in nature, with field research to conduct semi-structured interviews. The analysis of the reports occurred based on the content analysis technique and was structured in units of meaning. Finally, it was concluded that thinking about education/training through music is to build the promotion of new learning contexts, with dialogical relationships and the implication of self-conscious subjects.

Keywords: educational and social intervention; music education; non-formal education.

¹ Universidade do Estado da Bahia. Doutorando e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG/CAPE 7), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: johnwollter@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8414822206505616>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1107-4465>.

² Universidade do Estado da Bahia. Professora Permanente, orientadora e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB/Campus XI). Email: ebamorim@uneb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4354042640462127>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9943-2118>.

Educación/formación a través de la música: contribución de la Filarmónica 30 de Junho en la formación de nuevos contextos de aprendizaje

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir y analizar los aportes de la Filarmónica 30 de Junio en el proceso de formación de nuevos contextos de aprendizaje a través de la música. El texto fue un despliegue de la investigación de tesis de maestría del autor. La investigación fue de naturaleza cualitativa, con investigación de campo para realizar entrevistas semiestructuradas. El análisis de los relatos ocurrió con base en la técnica de análisis de contenido y se estructuró en unidades de significado. Finalmente, se concluyó que pensar en la educación/formación a través de la música es construir la promoción de nuevos contextos de aprendizaje, con relaciones dialógicas y la implicación de sujetos autoconscientes.

Palabras clave: intervención educativa y social; educación musical; educación no formal.

INTRODUÇÃO

As transformações que a educação formal anseia diante dos desafios que a relação professor-aluno-conhecimento tem apresentado, como os baixos índices de aprendizado, desempenho e a disciplina escolar, podem representar a necessidade e a emergência de se pensar, à propósito desta pesquisa, em novos contextos de aprendizagem, os quais têm potencial de ser constituídos por espaços de fomento a reflexão histórica, cultural e política, sobre qual sociedade nós estamos construindo para o convívio com as próximas gerações.

Entendemos por educação/formação um determinado processo de aprendizagem que proporciona a construção de pensamentos, conhecimentos e ações, individuais e coletivas, para um conjunto de atividades específicas e que também podem ser transpostas para outras situações da vida em sociedade. Trata-se da realização de processos relacionais e interacionais entre sujeitos e objetos de conhecimento, de modo a proporcionar apreensões que potencializam o pensar e o agir dos sujeitos para além das experiências e vivências decorridas deles.



A educação/formação através da música compreende a realização e a participação de processos de aprendizagens, em um primeiro momento em música, com intuito de ler uma partitura ou de tocar um instrumento musical e, em um segundo momento, para que competências e habilidades adquiridas no processo musical possam contribuir com os diversos relacionamentos em sociedade. Trata-se de utilizar no convívio com as pessoas os mesmos princípios e condutas ensinados, respeitados e executados ao tocar um instrumento em conjunto, como a escuta do outro, diálogo, respeito, cordialidade, humildade, disciplina, crítica, entre outros.

A Sociedade Recreativa e Cultural Filarmônica 30 de Junho, popularmente conhecida como Filarmônica 30 de Junho, originou-se por um grupo de amigos músicos que ensejaram na época ter um local onde pudessem fazer música, vinte anos após a elevação de Serrinha/BA a condição de cidade. Desde a sua criação, a instituição e seus grupos musicais têm reafirmado vínculos com o município de Serrinha, conforme datação inserida em seu nome que faz referência ao período de elevação da vila de Serrinha à condição de cidade, que ocorreu em 30 de junho 1891, data considerada pelos então fundadores como marco histórico fundamental para o município, homenageando-a dessa forma.

A partir de suas ações e por intermédio de seus grupos musicais, a instituição tem se destacado no município e no Estado da Bahia por meio da perpetuação da cultura das filarmônicas, realizando apresentações e concertos em datas cívicas comemorativas, cerimônias de eventos e festivais de música e de literatura. Além disso, a instituição dispõe de uma escola de preparação musical e de uma biblioteca pública com mais de 14.000 exemplares, dentre outras atividades desenvolvidas em Serrinha e região.

Durante o primeiro século de existência, a Filarmônica 30 de Junho teve como principal atividade desenvolvida o ensino de música, educando e preparando crianças, adolescentes e jovens para tocar um instrumento de sopro, corda ou percussão para serem incorporados na banda sinfônica ou orquestra e assim poder realizar concertos e recitais no município e fora dele. Atualmente, a instituição também dispõe de outros grupos musicais, como a Orquestra Lyra de Ouro, que é um grupo de músicos que tocam instrumentos de cordas friccionadas, conhecidos popularmente como instrumentos clássicos (violino, viola, violoncelo e contrabaixo).

Contudo, é muito importante ressaltar que a manutenção das ações educativas e sociais de uma sociedade filarmônica é bastante desafiadora, uma vez que as políticas culturais – principal meio de apoio e financiamento -

voltadas para esse segmento musical encontram-se cada vez mais pontuais e limitadas, de modo que não são suficientes para o estabelecimento de projetos e ações a longo prazo, afinal, nem a escolarização nem a formação de um músico acontece de maneira imediata, sem ciclos e etapas. Logo, trata-se, em sua maioria, de instituições não governamentais que carecem de fontes relativamente contínuas de financiamento para o seu efetivo funcionamento.

O presente artigo, que tem como objetivo discutir e analisar se instituições como a Filarmônica 30 de Junho contribuem com o processo de formação de novos contextos de aprendizagem através da música, foi um desdobramento da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada *Educação/formação na Filarmônica 30 de Junho: o lugar da música na vida de cidadãos no Território do Sisal*, inserida na linha de pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Intervenção Educativa e Social, da Universidade do Estado da Bahia (MPIES/UNEB).

A pesquisa foi de caráter qualitativo, em que buscou o levantamento de informações sobre o “[...] universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade [...]” (Minayo, 2016, p. 21). Os dados discutidos foram levantados através de pesquisa de campo, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com base em Pádua (2012). A análise dos relatos ocorreu e foi estruturada em unidade de sentido, conforme análise de conteúdo de Bardin (2011). A pesquisa a qual o presente artigo é um desdobramento, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, parecer sob o nº 4.789.652, e por isso, as pessoas participantes receberam nomes fictícios, de modo que não fossem identificadas. Foram escolhidos nomes de importantes figuras da música baiana com implicação social para denominar as pessoas que participaram da investigação.

O texto foi estruturado em quatro seções. Na primeira seção foram apresentadas as articulações entre educação e sociedade no processo de formação através da música. Na segunda seção, foi discutida a importância da horizontalização da educação na aprendizagem musical. A terceira seção tratou de refletir sobre a construção de uma Pedagogia Social indissociada do campo da Educação Social, tendo como problematização os limites da atuação de projetos sociais de música. Na quarta seção foram analisados e discutidos os relatos de sujeitos da Filarmônica 30 de Junho no âmbito do processo de educação/formação através da música. Por fim, foram explicitadas as considerações finais.

Educação/formação, música e sociedade

A educação é um processo amplo e, ao mesmo tempo específico, de implicação de diversos conhecimentos à vida em sociedade, por isso que a necessidade de “[...] articular a escola com a comunidade educativa de um território, é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual” (Gohn, 2006, p. 36). Dessa forma, por mais difícil que seja realizar a articulação entre educação e sociedade, em seu sentido mais amplo, urge na sociedade a reflexão sobre uma educação que vá além da escolarização.

Quando discutimos sobre a educação em contextos de exclusão social, somos ligeiramente levados a se preocupar e (re)pensar sobre o sistema escolar de ensino, mesmo cientes de que fora e além da escola existe outras formas de educação também importantes e, muitas vezes, são as principais responsáveis pelo acolhimento das populações socialmente excluídas e que encontram nessas instituições sociais (associações, clubes, projetos sociais de vivências ligadas a educação através do esporte, lazer e à cultura) a esperança e o apoio fundamental para que se atinja a superação de suas condições vulneráveis (Caliman, 2010).

Nessa perspectiva, para Cruvinel (2003):

A música como expressão artístico-cultural ocupa um espaço significativo dentro dos mais variados contextos históricos e sociais. Das atividades musicais emergem significados, valores, usos, funções, que vêm sendo estudados sob diferentes olhares e escutas. A música como parte integrante da trama que constitui as relações sociais emaranha-se nas mais variadas áreas de conhecimento, nos remetendo à necessidade de reflexão sobre o trinômio Música, Cultura e Educação (Cruvinel, 2003, p. 71).

Enfocamos uma educação que possa inter-relacionar-se, continuamente e face a face com as práticas sociais, que estimule formas de acesso a rica diversidade sociocultural do mundo, pois a ausência de interações interpessoais e interinstitucionais, bem como de potencialização da capacidade de compreensão interdisciplinar do mundo, principalmente entre as diversas instituições que desempenham processos educativos, pode repercutir, por consequência, numa série de impactos e problemas sociais, muitas vezes, resultados da inércia de sujeitos no cumprimento de seus deveres e na

reivindicação dos seus direitos enquanto cidadãos. Assim, o (re)conhecimento de si no mundo também deve ser um pilar da educação.

A Filarmônica 30 de Junho desenvolve em Serrinha uma série de aulas, ensaios e concertos musicais. De modo geral, essas são as atividades prioritárias da instituição, que para priorizá-las, desenvolve um trabalho de coordenação e planejamento o qual tem como estrutura basilar o processo de ensino-aprendizagem em música. As pessoas que ingressam na instituição começam a frequentar o curso de iniciação musical durante o período de seis meses que tem como principal objetivo proporcionar a leitura e a interpretação de partituras por meio de aulas de teoria musical, história da música e de flauta doce. Após esse período, os educandos são direcionados a escolher um instrumento musical que queiram aprender a tocar.

O processo de ensino-aprendizagem musical exige do educador uma capacidade de convencimento dos educandos, uma vez que se trata de um processo educativo contínuo que requer do estudante uma persistência diária e objetiva para que possa atingir determinados níveis de excelência em sua performance musical, principalmente, quando se tratar de instrumentos musicais eruditos que necessitam de uma afinação manual e de precisão, como é o caso dos instrumentos de cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e baixo/contrabaixo) que são tocados com a colocação dos dedos da mão esquerda sobre as cordas que estão na parte do instrumento chamada de espelho.

A afinação das cordas são notas musicais fixas e que são tomadas como referências para as demais notas musicais, assim, para cada posição na corda em que um dedo possa ser precisamente colocado, será reproduzida uma nota musical diferente. A combinação dos quatro dedos, desde o dedo indicador até o dedo mínimo, em posições diferentes, forma as melodias das músicas tocadas. Além disso, há um trabalho de coordenação motora realizado pela mão direita que é responsável pela efetiva produção dos sons, uma vez que ela segura e guia um objeto chamado arco, o qual contata com as cordas faz ecoar o som das notas musicais.

Fazer uma criança entender de forma literal esse raciocínio tornaria complexo e desestimulante a sua aprendizagem nos instrumentos de cordas friccionadas. Nesse sentido, os estudantes apenas aprendem que para tocar o instrumento basta colocar os dedos em cada posição sinalizada com uma fita adesiva colocada no espelho. Trata-se de esse esforço didático-pedagógico para que a compreensão de cada princípio seja efetuada de forma simples e com naturalidade.

Entretanto, o desafio encontra-se em estimular o educando a encontrar a precisão necessária que cada nota musical exige. Essa busca acontece por meio de uma série de movimentos repetitivos acompanhados de um afinador e que acabam, muitas vezes, cansando e desestimulando a aprendizagem no instrumento. Com alguns instrumentos de sopro, o percurso formativo é o mesmo, isto é, de repetição excessiva de movimentos para atingir e manter a precisão técnica de afinação das notas musicais. De modo geral, atingir altos níveis de excelência ao aprender um instrumento musical é fruto de longas horas de dedicação e rotinas de estudos repetitivos.

Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.

[...]

Esta postura crítica, fundamental, indispensável ao ato de estudar, requer de quem a ele se dedica: a) Que assuma o papel de sujeito deste ato (Freire, 1981, p. 8).

Nesse contexto, o trabalho pedagógico do educador não consiste apenas em ensinar a tocar, mas também de criar formas de estímulo e convencimento para que os educandos possam se assumir enquanto sujeitos protagonistas da própria formação para dar continuidade aos seus estudos de modo objetivo e orientado, inclusive metodologicamente, para assim enfrentar as dificuldades, que são reais, com naturalidade.

Ter disciplina intelectual nos estudos musicais é uma das capacidades mais estimuladas no ensino de um instrumento musical, principalmente, com o intuito de tornar o educando num músico autônomo do seu educador, dedicado, comprometido e crítico de suas habilidades técnicas e performances musicais. Esses são pilares do fazer musical, porém, devem ser apreendidos e submetidos às diversas situações da vida. Assim, emerge a transformação social através da música, que no caso da Filarmônica 30 de Junho, acontece como uma ação secundária e como consequência dos seus diversos processos formativos.

Desse modo, retomamos a nossa ideia inicial, a qual nos confrontamos com o desafio de articular a educação formal com a comunidade educativa de um território, para se atingir a mudança dos problemas da sociedade, diante o fato de que poucos são os casos de articulação da educação formal escolar com os movimentos sociais, “massas populares” e também as instituições sociais que desenvolvem processos formativos para a população através da promoção à cultura e às artes.



Mesmo que cada instituição tenha objetivos e funções sociais específicas, o intuito dessa articulação deve se empenhar em combater a exclusão social e promover formas de inclusão até que se atinja o pleno desenvolvimento social, sem a necessidade de eliminar a educação formal em detrimento da educação não formal. “Em outras palavras, a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social” (Caliman, 2010, p. 343). Pelo contrário, anseia-se que ambas se articulem, adentrem e ocupem ainda mais as diversas dimensões da sociedade, de modo que os hiatos entre a educação e a sociedade possam ser minimizados e que os processos educativos estejam mais relacionados com as práticas sociais.

Por uma educação/formação musical horizontalizada

Historicamente, o ensino convencional de música é marcado pelo estabelecimento de uma “educação bancária” (Freire, 1981), isto é, de um processo formativo no qual os educadores – que são músicos mais velhos em idade e tempo de estudo no instrumento e não necessariamente formados em licenciatura em música e/ou bacharelado em instrumento musical – transmitem para os educandos aqueles conteúdos e conhecimentos adquiridos no decorrer da sua trajetória musical, necessários para ler e interpretar partituras, bem como para tocar um instrumento.

Essa situação se evidencia ao observarmos um primeiro dia de aula numa escola de música, em que educandos chegam como caixinhas vazias a serem preenchidas no decorrer das atividades do curso. Para o músico com uma certa experiência, a sensação de vazio a ser preenchida se mantém durante muito tempo na sua trajetória musical. No entanto, muitas vezes, o que muda é a forma de encarar a aprendizagem ao compreender que esse processo formativo é contínuo.

Essa educação musical bancária tem sido bastante provocada diante a facilidade de acesso ao conhecimento que as tecnologias da informação têm proporcionado, principalmente, via internet, provocando, dentre tantos, o seguinte questionamento: a figura do educador ainda é a principal fonte de conhecimento? A resposta talvez seja não, mas por muito tempo ela foi encarada assim em inúmeras escolas. Entretanto, vale ressaltar que não se trata de negar ou retirar a importância do educador com uma formação sólida no processo de ensino-aprendizagem. O educador é uma peça chave na educação, mesmo que o acesso ao vasto conhecimento sobre uma área esteja livre e disponível na internet. Nesse sentido, os desafios e paradigmas dos

contextos de aprendizagem na contemporaneidade requerem do educador uma postura descentralizadora e sensível ao processo de ensino-aprendizagem.

É nessa direção que Freire ([1967] 2020) aponta o diálogo como o ponto chave para a promoção de uma educação transformadora, capaz de superar a ingenuidade da realidade e de estimular o desenvolvimento crescente da crítica sobre as relações humanas em sociedade. “E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B” (Freire, [1967] 2020, p. 107). Então, o diálogo é não ser autossuficiente a ponto de pensar e agir de acordo com uma relação hierarquizada ou sobreposta, é ter a capacidade de sentir e saber o lugar do outro, sem demarcar títulos e prêmios biográficos, nem impor determinados saberes e fazeres.

A educação horizontalizada proposta por Freire ([1967] 2020) direciona as atenções do processo educativo para os seus principais responsáveis que se expressam na relação educador e educando. O diálogo sendo a essência da educação horizontalizada potencializa uma simetria de saberes e fazeres que devem ser considerados pelo educador no processo educativo com os educandos. O diálogo não deve ser apenas um instrumento metodológico, mas sim o principal item da personalidade do educador. Logo, definir o diálogo como uma ferramenta procedimental a ser acionada de acordo com a necessidade metodológica reduz o seu imenso potencial didático e pedagógico.

A educação horizontalizada no ensino de música é uma situação que pode ser observada em algumas experiências construídas por alguns projetos sociais de música na América Latina, a exemplo dos Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA), que é um programa de desenvolvimento social através da música idealizado pelo maestro Ricardo Castro e inspirado no modelo venezuelano chamado *El Sistema*. Ambos têm como lema a frase “aprende quem ensina”, no sentido de defender que os educandos em processo de formação musical podem ajudar uns aos outros na consolidação dos conhecimentos apreendidos e na produção de outros importantes conhecimentos. Tal perspectiva difunde a premissa de que o educador apesar de ser importante na formação, não é única fonte de conhecimento e o pouco conhecimento que o educando dispõe pode e deve ser socializado entre os colegas.

A referida perspectiva contribui com o processo de democratização e interiorização do ensino e da aprendizagem de música em áreas que não possuem profissionais com formação sólida para ensinar música. Assim como em Serrinha, nem todos os municípios do interior da Bahia possuem pessoas licenciadas em música ou professores/as de instrumentos específicos para

ministrar aulas. Infelizmente, os cursos superiores de música ainda tendem a se concentrar nos grandes centros urbanos, dificultando a interiorização do ensino de música que também pode ser considerada como uma forma de democratização.

Diante desse contexto geográfico de concentração do conhecimento musical nos grandes centros urbanos, o NEOJIBA, enquanto uma política pública de desenvolvimento social do Governo do Estado da Bahia, tem atuado de duas formas com intuito de descentralizá-lo. Uma é a criação de Núcleos Territoriais do NEOJIBA (NTNs) em municípios do interior da Bahia e com atuação em escala mesorregional, como é o caso dos três primeiros NTNs que estão localizados em Feira de Santana, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista. A outra ação é o Programa de Capacitação em Ensino Musical Coletivo (PROCEC), que consiste na disponibilização de 40 bolsas de monitoria de ensino, no valor de R\$ 345,00 (trezentos e quarenta e cinco reais), entre as instituições culturais e artísticas do interior do estado, para jovens músicos com idade entre 15 e 27 anos, com o intuito de atuar nas instituições parceiras com o ensino e a difusão da música e de instrumentos musicais nos municípios.

A Filarmônica 30 de Junho tem sido contemplada todos os anos com a aprovação de monitores de ensino, principalmente, de monitores dos instrumentos de sopro, percussão, cordas friccionadas e cordas dedilhadas, desde a criação do PROCEC em 2016, como foi o caso do pesquisador. Os candidatos são aprovados por edital de processo seletivo que ocorre anualmente, em que demonstram um relativo domínio no instrumento musical e um perfil de liderança em atividades de ensino-aprendizagem em música e submetem uma proposta de produto final a ser construído durante a monitoria.

Durante o ano, os educadores recebem mentoria pedagógica e musical, mensalmente, de um profissional docente em música do NEOJIBA para suporte e ajuda na operacionalização da proposta que deve acontecer com os educandos dos monitores (educadores) no final do ano letivo. O produto final pode ser a realização de concertos, recitais, produção de material pedagógico, composição de peças musicais, dentre outros; desde que esteja relacionado com a área de atuação dos educadores.

Nesse contexto, tanto na Filarmônica 30 de Junho, como nas demais instituições culturais e artísticas da Bahia atendidas pelo PROCEC, o processo de ensino-aprendizagem de música é realizado pela mediação pedagógica de jovens músicos em formação que compartilham o conhecimento que detêm com o objetivo de multiplicar a educação e a apreciação musical de crianças,



jovens e adolescentes. Um processo formativo que é realizado por pessoas não licenciadas em música, isto é, por educadores que aprendem a ensinar no próprio ato de aprender, pouco ou quase nada conhecedores das principais teorias da aprendizagem.

Dessa forma, uma relação horizontal e dialógica, como defende Freire ([1967] 2020), deve ser o pilar do processo de ensino-aprendizagem dos saberes e fazeres pedagógicos e musicais a serem mediados pelos educadores. Esse trabalho pedagógico deve ser encarado e propagado como algo inacabado, incompleto e imperfeito, ou seja, que requer de um senso contínuo de criticidade, no sentido de perceber a formação específica ou geral, como uma prática permanente e de que somos eternos aprendentes e educandos.

A formação artística e cultural nesses espaços como a Filarmônica 30 de Junho, não deve fechá-la em si e resumir-se na constituição de uma habilidade performativa que só tenha importância durante a duração do espetáculo musical. Os objetivos musicais específicos necessitam ser inter-relacionados com os diversos contextos da vida em sociedade, a crítica à performance musical deve ser expandida para as ações sociais, para a conduta individual nas ruas, nas instituições públicas e nos espaços políticos de decisão. Antes de mais nada, a educação, seja ela musical, política, profissional, ambiental, dentre outras, deve formar cidadãos para a vida.

Segundo Freire, ([1967] 2020), de um ponto de vista antropológico, a cultura está relacionada com o “[...] papel ativo do homem em sua e com sua realidade. [...] o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. [...]” (Freire, [1967] 2020, p. 108), como produto do trabalho do homem, de criar e recriar o mundo e toda a sua experiência humana, independente do grau de escolarização, já que é “toda criação humana”. Trata-se daquilo que é fruto de aspiração das relações humanas em sociedade, a qual no convívio significa de tal modo que é incorporado às personalidades dos sujeitos. As aspirações emergem do trabalho, da luta dos movimentos sociais e de classe, da militância intelectual e política, da contemplação artística, ou seja, dos processos educativos formais, não formais e informais.

Nesse contexto, a “educação pode educar para a *adaptação* e o *conformismo* ou para a *mudança*. E aqui entre o papel da pedagogia social” (Gadotti, 2012, p. 25, grifos do autor). Cabe, principalmente, à educação desenvolver projetos de sociedade, de cidadão e de Estado, apesar de não estarem, com frequência, suficientemente nítidos nos processos formativos. A pedagogia social se apresenta como chave transformadora da realidade social,

como suporte teórico-metodológico para a realização de intervenções educativa e social que transcendam a condição passiva dos sujeitos para de protagonista da própria trajetória de vida.

Uma pedagogia social por uma educação social

Para compreender o que se denomina por Pedagogia Social, destacamos as reflexões de Caliman (2010), as quais explicitam que o objeto da Pedagogia Social pode ser considerado como as diversas formas de educação que são exteriores ao sistema escolar, porém, articulados a ele, e que, em muitos casos, são responsáveis por oferecer aos sujeitos socialmente excluídos, o apoio indispensável e necessário para que possam superar suas fragilidades sociais. Trata-se de uma “educação que ocorre de modo particular lá onde as agências formais de educação não conseguem chegar; nas relações de ajuda a pessoas em dificuldade, especialmente crianças, adolescentes e jovens que sofrem pela escassa atenção às suas necessidades fundamentais.” (Caliman, 2010, p. 344).

Nesse contexto, a pedagogia social vai nos ajudar a entender que a emergência e o desenvolvimento de processos formativos que acontecem em entidades sociais, como as associações comunitárias urbanas ou rurais, empresas, fundações, ONGs, projetos sociais, dentre outras; são resultado do agravamento de contextos de vulnerabilidade e exclusão sociais, impulsionados pela inércia dos poderes públicos na não efetivação de políticas públicas capazes de promover a mudança social desses sujeitos. Por isso que dezenas de milhares de instituições e organizações sociais têm se multiplicado a cada ano, buscando eliminar as lacunas que o sistema de ensino tem deixado (in)visíveis por não conseguir dar conta da demanda social.

Coadunando com essas ideias, Baptista (2017) define que:

O objeto de estudo da Pedagogia Social refere-se à práxis socioeducativa, ou seja, à educação desenvolvida para além da escola, nos diferentes contextos de formação ao longo da vida e numa perspectiva de solidariedade social, remetendo assim para um campo de estudo muito amplo e heterogêneo, de tal maneira que a Pedagogia Social acaba muitas vezes por ser qualificada como um saber demasiado generalista. Historicamente associada às áreas da solidariedade e do trabalho social, em conformidade com os imperativos de resposta às situações de maior vulnerabilidade humana [...]

(Baptista, 2017, p. 20).

Desse modo, a Pedagogia Social faz-nos questionar se o sistema de ensino realmente suporta a premissa da oferta de uma educação com funções sociais, como é defendida e proposta historicamente, pois a consolidação dela no trato dos problemas sociais da população insere-a justamente numa posição complementar ou alternativa a educação hegemônica, inclusive, também buscando ocupar espaços dentro dessa hegemonia. No plano da educação pública e gratuita, financiado com impostos da população, torna-se impossível não pensar em uma educação com funções sociais.

A pedagogia social, como a própria denominação já induz, concentra suas forças na promoção de uma solidariedade social que garanta a oferta ou o cumprimento dos direitos sociais estabelecidos em lei e, no caso de não efetivação desses direitos, de promover o suporte humano às pessoas excluídas para que elas possam eliminar suas más condições de vida e caminhar rumo a uma consciência crítica que possa estruturar a luta por uma vida melhor, inserindo-se no mercado de trabalho, nos espaços políticos de decisão e combatendo as diversas injustiças sociais. A grande lição que os processos formativos exteriores ao sistema de ensino podem deixar é a construção de uma consciência cidadã crítica que possa militar intelectualmente por um mundo melhor.

No Brasil, a partir da década de 2000, as principais lideranças sociais e políticas do campo progressista chegaram ao poder com fortes discursos de um pensamento crítico, mas que se arrefeceram no decorrer dos sucessivos governos que tanto mobilizaram as massas populares e contribuíram para com essa chegada. Nos dias de hoje, essas mesmas lideranças políticas têm se ausentado do debate crítico de ideias e projetos, o que acentuou, de certa maneira, o sentimento de inércia da maioria da população que não se sente encorajada e motivada a ir para as ruas e a lutar por conquistas sociais.

Enquanto isso, o pensamento conservador que por muito tempo se manteve isolado fora das instâncias de decisão política, se expandiu entre as estruturas do Estado e avançou no desmonte de partes importantes das políticas públicas que constituem o tecido social brasileiro, construído desde a promulgação da carta magna de 1988. O referido cenário poderia ter sido incisivamente combatido se tivéssemos uma ampla educação crítica e emancipatória dentro e fora das escolas. Como não ocorreu, ou ocorrido de modo pontual, retoma-se novamente o trabalho de construção desse projeto socioeducativo, crítico, solidário e emancipatório, o qual não deve se distanciar

das notícias diárias do mundo econômico e político, principalmente, da pauta do dia dos poderes Executivo e Legislativo, assim como do Judiciário.

Segundo Gohn (2014), o fato de o período recente questionar a ciência enquanto único e legítimo conhecimento, fez emergir na sociedade ou deu-se visibilidade a outras dimensões, “[...] igualmente produtoras de saber, [...] como as que advêm do mundo das artes, do ‘mundo feminino’ das mulheres, do corpo das pessoas, das religiões e seitas, da cultura popular, das aprendizagens do cotidiano [...]” (Gohn, 2014, p. 30).

No que tange aos processos educativos através da música, Souza (2017) disserta que a educação musical marca presença em distintos espaços, intencionalmente “por meio da escola regular ou através de ações que estabeleçam processos de ensino e aprendizagem musical fora do seu marco regulatório” e ou de forma não intencional “a partir do próprio contato com a nossa cultura” (Souza, 2017, p. 65).

A grande fragilidade dos projetos sociais de arte e, especificamente de música instrumental clássica/erudita, consiste em não localizar, inserir-se e captar sujeitos criticamente excluídos, marginalizados e invisíveis no sistema de ensino, na sociedade e inseridos ou à beira da criminalidade. Pensar em afastar as crianças, jovens e adolescentes das situações de exclusão social e criminalidade é tão importante quanto socorrer aqueles que já estão inseridos. Talvez esse seja o grande desafio a ser encarado pelas instituições que trabalham com inclusão e desenvolvimento social através das artes e da cultura.

Para tanto, é crucial se pensar em de que forma levaremos a nossa arte ou cultura para esses sujeitos, ou seja, de que maneira é possível popularizar a música de filarmônica ou a música de orquestra, que carregam um histórico de serem gêneros e grupos musicais elitistas, para as massas populares, de forma não autoritária, e de modo a atrair as pessoas excluídas. Nesse quesito, é fundamental e incontornável que se leve em consideração as identidades dessas massas, seus contextos de moradia, familiar, alimentação, entre outras; mas também de estabelecer medidas efetivas e permanentes a serem tomadas.

No ambiente acadêmico tais questões já possuem respaldo científico por meio de pesquisas voltadas à Educação Social, uma perspectiva de estudo e atuação de educadores junto às populações socialmente excluídas. Para Caliman (2010), no Brasil a Pedagogia Social e a Educação Social encontram-se inter-relacionadas em virtude da indissociabilidade teórico-metodológico-prática: “Se uma se associa à teoria, a outra se associa à

prática. No entanto, as duas devem caminhar juntas, assim como a reflexão e a ação: uma constrói e alimenta a outra. Sem prática não tem teoria; sem teoria a prática arrisca a se tornar um ritual sem sentido” (Caliman, 2010, p. 351-352). Trata-se da tão discutida articulação entre educação e as práticas sociais direcionadas para aquelas pessoas que estão fora do alcance do sistema de ensino.

Dessa forma, a Educação Social é “[...] uma prática pedagógica da Pedagogia Social que se transforma num instrumento de promoção, libertação pessoal e comunitária, contribuindo para construção de um mundo mais justo.” (Paiva, 2011, p. 29). Em outros termos, trata-se das intervenções educativas e sociais que são desenvolvidas nos diversos contextos sociais da vida, por educadores sociais que são alinhados e motivados pelo compromisso de transformação de condutas e posturas, principalmente, de pessoas que vivem à margem da sociedade.

A Educação Social é um processo formativo que pode ser considerado como alternativo aos modelos convencionais de educação por ter como plano de fundo a transformação da tragédia humana e social, isto é, das consequências devastadoras que a falta ou a insuficiência da efetivação de políticas públicas em educação, saúde, alimentação, trabalho, renda e moradia, impactam na vida das populações mais pobres e desassistidas no cumprimento de seus direitos garantidos em lei.

Nesse contexto, Paiva (2011) destaca a importância da Educação Social, considerando que ela acompanha o sujeito durante toda a sua vida, refletindo que “é para todos, e está presente durante toda vida nesse ser sensível, perceptível, capaz de transcender em seu meio social que se chama humano-e-ensinar, a educação social fala do desenvolvimento humano do ser.” (Paiva, 2011, p. 41). No entanto, mesmo sendo para todos, todas e todes, a Educação Social se diferencia, por exemplo, da escolarização, pelos seus feitos ocorridos diretamente em situações de exclusão social, por objetivar a inserção e a intervenção na tragédia social de forma horizontal e dialógica, por isso, então, de forma educativa.

Para Gadotti (2012) o “fato de a educação social ter-se desenvolvido mais entre ONGs, OSCs e movimentos sociais e populares demonstra o fracasso do poder público em atender os setores mais empobrecidos” (Gadotti, 2012, p. 16). As instituições não governamentais e movimentos populares têm cumprido o papel de acolher e cuidar dessas populações, oferecendo-as refúgio e esperança aos principais desafios do cotidiano que não são poucos.

Essa expressão de solidariedade coletiva é um evento que deve ser celebrado, por entender que é uma atitude que se sobrepõe aos certos individualismos exacerbados e divide a sociedade em linhas abissais. Assim, a sociedade civil organizada tem, de certa forma, chegado nos espaços inalcançados pelo Estado, sem deixar de desobriga-lo por suas responsabilidades, mas mobilizando “a população para que ela exija o cumprimento do seu direito à educação” (Gadotti, 2012, p. 16), bem como à cidadania.

Nesse contexto, é necessário que as ações das instituições de Educação Social possuam estratégias horizontais de abordagem e diálogo junto às populações excluídas. Não sabemos em que medida a Filarmônica 30 de Junho está inserida no contexto da Educação Social, sobretudo, no que se refere a sua participação em ações com espaços e/ou grupos altamente excluídos e vulneráveis, porém, também deve-se considerar que a Educação Social não se limita a estes grupos.

Mesmo assim, é importante destacar que uma das estratégias de popularização da Filarmônica 30 de Junho está em inserir no seu repertório de apresentações algumas músicas consumidas pela ampla comunidade em geral, incluindo artistas locais como Pablo (arrocha/Salvador-BA) e Edson Gomes (reggae/Recôncavo-BA), nacionais, como Raça Negra (samba-pagode/São Paulo-SP) e Roupas Novas (Pop-rock/Rio de Janeiro-RJ) e internacionais, como Michael Jackson (Pop/Estados Unidos), além de trilhas sonoras do cinema, como *Flashdance What A Feeling* (1983), de Irene Cara, e no clássico romance musical *Flash Dance - Em Ritmo de Embalo*.

Entretanto, mesmo com essas inserções, o grupo não deixa de tocar os dobrados que são as músicas específicas das filarmônicas e que as caracterizam como tal. Manter a identidade é, inclusive, uma preocupação e um desafio desses grupos frente à expansão do consumo por produtos da indústria cultural da música. A referida estratégia tem como objetivo causar uma aproximação com o ouvinte que não conhece a filarmônica, pois tocar músicas populares e consumidas pela população em geral, repercute numa quebra de diversos preconceitos e estereótipos, dentre os quais, o de que as filarmônicas só podem ou só tocam dobrados e/ou marchas militares. Além disso, é também uma forma de atrair e empolgar os músicos ingressantes da filarmônica que não conhecem ou não se interessam muito pela música característica das filarmônicas.

Portanto, mesmo não definindo com precisão a extensão das ações da Filarmônica 30 de Junho em contextos críticos de exclusão social, torna-se

evidente que algum tipo de Educação Social é desenvolvido por ela no âmbito de suas atividades educativas e musicais em Serrinha e por outros locais nos quais esta transita. Não estar totalmente inserida nas periferias e grupos socialmente excluídos é uma problemática que pode estar relacionada com a capacidade de articulação social, oriunda da limitação de recursos humanos e financeiros e até de coordenação pedagógica. Entretanto, convenie-se ressaltar que nem mesmo o Estado e seu sistema de ensino, que são os principais entes responsáveis, estão em situação diferente. Por isso, fala-se aqui tanto da necessidade de ambos se articularem. De juntar partes de um coletivo em pró de um todo.

Formação e aprendizagens na Filarmônica 30 de Junho

As filarmônicas, em muitos casos, são instituições centenárias criadas por oficiais do exército, marinha, aeronáutica e polícia militar e, por isso, há uma forte consideração de que a disciplina escolar praticada nessas instituições é uma herança do modelo militar de ensino. Na especificidade da Filarmônica 30 de Junho, essa pesquisa não identificou nos documentos consultados e nem nas entrevistas que a criação dessa instituição tenha ocorrido por oficiais militares, mas que, por muitos anos, os maestros da instituição eram pertencentes a bandas do exército e da polícia militar.

De acordo com o maestro, Letieres Leite³ (2022),

Em relação a formação, a formar cidadãos, por exemplo, as filarmônicas tem aquela disciplina militar, então as filarmônicas, vamos dizer assim, que foram criadas através dos oficiais que se aposentavam da polícia, do exercício, marinha, aeronáutica, nas bandas, chegavam em suas cidades e formavam suas filarmônicas. E nisso aí, a disciplina que ele aprendeu no exército, marinha, aeronáutica, polícia militar, ele passa para gente. Então foi essa disciplina que eu, quando entrei na filarmônica, ganhei dos maestros, porque, se não me engano, só um [maestro] que não era militar, mas os outros foram militar. Só o primeiro, maestro Fábio, mas ele já veio... foi aluno de Alexandria que era militar, ele é de Nova Soure. Então meu primeiro maestro foi ele. Na época ele tinha 19 anos (Letieres Leite, 2022).

³ Nome fictício atribuído ao colaborador participante.

O relato enfatizou a disciplina como um aspecto central das vivências na filarmônica, em específico, a disciplina militar, que se baseia no estabelecimento e no respeito de hierarquias, ou seja, numa relação verticalizada de pessoas que exercem uma forma de poder e comando para outras pessoas que estão em posição de comandadas, com o objetivo de efetivar o cumprimento pacífico e linear de regras e condutas de comportamento postas. Com base nas palavras de Freire ([1967] 2020), pode-se considerar que se tratava de um “antidiálogo”. Tais características são marcadas pela influência do positivismo na educação de escolas e filarmônicas, fortemente praticado nos quartéis e escolas militares da época, e que o sentido também está na frase “Ordem e Progresso” da bandeira do Brasil, partindo do princípio de que a ordem resulta no progresso ou que só haverá progresso se existir ordem.

Continua a relatar Letieres Leite⁴ (2022):

Então nossa disciplina sempre foi focada na hierarquia, no ensino militar. Então a gente tinha horário rigoroso, tem que chegar no horário, se chegasse atrasado era punido. Hoje em dia não tem mais isso, porque hoje em dia, vamos dizer assim, que os jovens relaxaram, faz cara feia pros pais, imagine para gente, não é? Infelizmente, não tem esse mais respeito dos pais como tinha antigamente, mas a gente procura passar isso para eles, entendeu? A gente procura passar isso para eles. Então essa parte da disciplina vem formando pessoas de boa índole, que respeita os mais velhos, que respeita os pais, a gente sempre foca nessa parte aí, tanto que quando tem alguma coisa que o aluno, que o músico não vem, que a gente procura saber e o pai: “ah, tá de castigo porque não obedeceu”. Então a gente apoia e quando chega aqui ainda puxa a orelha também, entendeu? Nessa parte de respeito aos pais, então essa parte da cidadania, no caso de formar cidadãos, a gente vem dessa parte militar, do ensino militar que foi passado para mim, foi passado para outros, aprenderam comigo e a gente vai tentando manter. Tá difícil hoje em dia (Letieres Leite, 2022).

Os relatos do maestro Letieres Leite também demonstraram como acontecia a transmissão dos saberes e fazeres, tanto musicais como para vida, que eram apreendidos dentro das bandas e escolas militares e levados para a dimensão civil ou comunitário de ensino e aprendizagem, isto é, militares se inseriam em instituições militares, aprendiam regras de conduta e postura social, a tocar instrumento e a preparar bandas, e formavam outros grupos

⁴ Nome fictício atribuído ao colaborador participante.

musicais comunitários entre militares e civis buscando implementar a mesma perspectiva de uma disciplina vertical e militar.

Vale ressaltar que não se trata de provocar uma discussão dicotômica entre militares e civis no âmbito das filarmônicas, mas de refletir que o processo formativo e disciplinar nessas instituições, de certo modo, tendia a representar uma espécie de extensão das bandas do exército e/ou da polícia militar, mesmo sem nenhum tipo de vínculo legal ou como uma forma também de preparar jovens músicos com intuito de prestar concurso para as bandas oficiais. No entanto, como relatado por Letieres Leite (2022), com o passar dos anos a resistência ao formato predominantemente militar foi crescendo a ponto de não se sustentar, exigindo da instituição um relacionamento um pouco mais flexível com vistas a continuar exercendo suas funções sociais na cidade.

É provável que muitos adolescentes que ingressaram na Filarmônica 30 de Junho ficaram por longos períodos aprendendo música na instituição em função da vontade e do amor pela música serem maior do que as dificuldades de relacionamento na instituição ou pela falta de opções de atividades extraescolares, pois a “única diversão daquela época era jogar bola e nadar em açude” (Letieres Leite, 2022). Outros podem até ter abandonado o sonho ou o simples desejo de conhecer o fazer musical diante da falta de uma co-comunicação.

Segundo Freire ([1967] 2020), o diálogo

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (Freire, [1967] 2020, p. 41).

A proposta dialógica de Freire alinha-se essencialmente com o ensino e a aprendizagem de música, esta arte que encanta e romantiza as pessoas que são atingidas por alguma de suas formas de realização. Aprender e ensinar música ou um instrumento musical exige a combinação de sentimentos românticos e racionais, concomitantemente, como o amor, humildade, esperança, fé, confiança; com as atitudes de ouvir, observar, apreciar, compreender, dentre outros. Só emoção ou só razão se tornam impotentes no processo de formação de um músico. A música é linda e arrepiante, mas também é árdua e sistêmica.

Uma relação horizontal por meio do diálogo entre integrantes de uma filarmônica, mesmo havendo hierarquias na organização administrativa, aproxima os sujeitos e os torna protagonistas ativos dos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que permite que as comunicações possam fluir com transparência, confiança, sinceridade, honestidade e, acima de tudo, humanismo, pois ações com esse alinhamento podem ser consideradas como exemplos a serem seguidos, isto é, como situações de aprendizagem para a vida.

Para Freire ([1967] 2020),

O antidiálogo que implica numa relação vertical de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. No antidiálogo quebra-se aquela relação de 'simpatia' entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados (Freire, [1967] 2020, p. 142).

Relações verticais, como aquelas desenvolvidas por instituições militares, provocam desgastes emocionais e de insegurança relacional, tornando subalternos os colaboradores, considerando que a participação na filarmônica é de caráter espontâneo, livre e voluntário. Numa relação antidialógica dentro de uma instituição musical, torna-se desestimulante se esforçar para aprender ou tocar um instrumento musical que exige foco, determinação, prática diária, persistência e autoavaliação, principalmente, pelo fato de muitas crianças e adolescentes ingressarem numa escola de música sem ter de passar por alguma forma de musicalização ou iniciação musical.

Dessa forma, é preciso compreender que formas dialógicas de acolhimento e convivência no processo de ensino-aprendizagem de música e de um instrumento musical são necessárias para o desenvolvimento pleno de competências e habilidades exigidas. Além disso, no caso de instituições e projetos sociais, deve-se ter em mente que a música pode ser o meio pelo qual as transformações sociais desejadas serão efetivadas, ou seja, que o ensino e a aprendizagem musical devem ser pautados pela construção de relações dialógicas dentro e fora da instituição, inter-relacionando os diversos contextos sociais com criticidade, diversidade de argumentos e divergência de pontos de vistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões traçadas no texto são frutos do esforço de construção de estratégias potenciais para uma mudança social. O processo de educação/formação através da música reafirma a importância de se pensar numa educação que transcenda a dimensão da escolarização, isto é, para o decorrer de toda a vida, se assim desejar, pois as pessoas devem possuir o direito de acesso às diversas formas de arte e cultura que lhe interessam, a fim de utilizá-las de acordo com seus interesses do/no cotidiano.

Estudar um instrumento musical recai sobre a reflexão acerca do processo de aprender a aprender, uma vez que as dificuldades encontradas durante o processo fazem com que questões relacionadas aos modos de aprender possam emergir, a ponto de o educando se perguntar sobre qual a melhor maneira de estudar para poder atingir os seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento técnico e musical. Nesse contexto, antes de aprender uma determinada competência ou habilidade, torna-se importante pensar sobre as formas possíveis de efetivação dessas aprendizagens.

Além disso, a investigação expôs que não há concorrência e nem disputa entre os processos de educação formal das escolas do sistema de ensino com os processos de educação/formação das instituições e projetos sociais. O que poderia existir com maior intensidade são formas de diálogo e interação entre ambas, de modo a compartilhar vivências e experiências formativas que se findarão nos ciclos e itinerários formativos. Se uma escola constitui parte do território, como nos afirma Gohn (2006), deveria a sua extensão ser um pilar estruturante.

Portanto, pensar em educação/formação através da música em projetos sociais é construir o fomento de novos contextos de aprendizagem, com relações dialógicas e horizontais, envolvendo a implicação de sujeitos conscientes de si, de suas condições sociais e do papel humano que devem desenvolver em sociedade.

REFERÊNCIAS

Baptista, Isabel. Investigar em pedagogia social: razões, oportunidades e desafios. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 18-25, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23428/1/Investigar%20em%20pedagogia%20social.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

Caliman, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de**

Ciências da Educação – UNISAL, Americana, n. 23, p. 341-368, 2010. Disponível em:
<https://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/caliman-pedagogia-social-transformadora.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Cruvinel, Flávia Maria. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas**: a educação musical como meio de transformação social. 2003. 319 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003. Disponível em:
<https://mestrado.emac.ufg.br/p/2795-2001>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Freire, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Gadotti, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, Taguatinga, DF, v. 18, n. 2, 2012. Disponível em:
<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/3909/2386>. Acesso em: 28 out. 2020.

Gohn, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Gohn, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagem e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2014. Disponível em: https://epale.ec.europa.eu/sites/default/files/goen_2014.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

Minayo, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: Deslandes, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

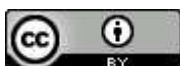
Pádua, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 17. ed. Campinas: Papirus, 2012.

Paiva, Jacyara Silva de. **Compreendendo as vivências e experiências produzidas na educação social de rua**. 2011. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em:
https://sappg.ufes.br/tese_drupal/nometese_48_JACYARA%20SILVA%20DE%20PAIV

*Educação/formação através da música:
contribuição da Filarmônica 30 de Junho na formação de novos contextos de aprendizagem*
A.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

Souza, Leonnardo Limongi de. **Música e deficiência:** processos de ensino e aprendizagem em um espaço não formal de educação musical. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro De Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

Submissão em 28 de fevereiro de 2024.
Aceite em 29 de julho de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261846 [2024]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261846>